

Editorial

OS DONOS
DO PAC

O governo Lula lançou, ontem, em Brasília, a segunda etapa do seu Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC 2. Ante mais de mil convidados, o evento serviu de despedida para a ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, que está deixando o governo para se lançar candidata à Presidência da República pelo PT.

Precisamente por isso foi dado a ela, designada mãe do PAC pelo presidente da República, o maior destaque na programação de lançamento, transformando o evento numa plataforma política para a candidata. A ministra não se fez de rogada, declarando que o PAC 2 representa a “herança bendita” a ser deixada pelo atual governo a seus posteriors.

Abstraindo o marketing político, o atual governo está empenhando perto de R\$ 1 trilhão para serem aplicados, entre 2011 e 2014, em obras pelo próximo governo; e mais R\$ 631 bilhões a partir de 2015, quando o país poderá ter um outro presidente. Com isso, o governo Lula estará pautando a agenda de realizações dos dois próximos governos.

Trata-se de uma situação inusitada para o Brasil recente, que negligenciou, diante das urgências assumidas pela restauração democrática, o planejamento de longo prazo. Continuidade na administração do Estado foi o que quis dizer o presidente quando afirmou que está deixando para seus sucessores uma “prateleira de projetos” a serem executados nos próximos anos.

Se nossos próximos governantes vão fazer uso dela, não se sabe. Mas eles precisam parar com essa mania de desqualificar as realizações de seus antecessores. O governo Lula, que ameaçou o país com uma ruptura, não teria chegado aonde chegou se não tivesse adotado – e se beneficiado delas – quase todas as iniciativas acertadas do governo Fernando Henrique.

Iniciado no segundo mandato, até agora o PAC só conseguiu concluir pouco mais de 10% dos empreendimentos. Para uma primeira experiência, o atraso é compreensível. Os próximos governos vão se beneficiar desse aprendizado.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Leandro Figueiredo

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIAS DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa
Regiane Marques Sampaio

ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Aline Reskalla

EDITORES
Primeira Página: Robert Wagner
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlton Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Fotografia: Leonardo Lara
Brasil/Mundo: Carla Chein
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Carla Alves

O.PINIÃO

Duke

NOVA PESQUISA
DE AVALIAÇÃO DO
GOVERNO LULA:
76% ÓTIMO/BOM;
20% REGULAR;
4% RUIM/PÉSSIMO;
3% TEOR ALCOÓLICO!



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

O Vaticano arde nas labaredas
do inferno por causa da pedofilia

O papa está numa encruzilhada e terá que abrir os arquivos

“**P**apa convoca bispos da Irlanda para discutir escândalos de pedofilia”; “Papa diz a bispos irlandeses que pedofilia é crime hediondo”; “Vaticano cria ‘muro de silêncio’ sobre abusos, diz ministra alemã”; “Igreja holandesa anuncia investigação sobre abusos contra menores”; “Arquidiocese nega que papa tenha ajudado padre acusado de pedofilia”; “Vaticano critica ‘tentativas agressivas’ de envolver papa em escândalo”; “Líder católico da Irlanda pede perdão por proteger padre pedófilo”; “Papa pede desculpas às vítimas de padres irlandeses pedófilos”; “Vaticano ignorou caso de padre que molestou mais de 200”...

Eis uma pequena amostra de manchetes sobre pedofilia clerical de 15.2 a 25.3.2010, data em que outra bradava: “Escândalos podem forçar papa a abrir arquivos secretos, diz vaticanista”. É esperar para ver o balanço da nau de São Pedro no Manguê em que se encontra a credibilidade moral do Vaticano. Um chamado à responsabilidade não absolverá o papa Bento XVI, que foi prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (CDF) – antigo Tribunal do Santo Ofício, ou Inquisição, que zela “pela ortodoxia da Igreja Católica e pelas questões disciplinares” – de 1981 até 2005, quando foi eleito papa.

Conforme o vaticanista Marco Politi, “o monsenhor Charles J. Scicluna, promotor de Justiça da CDF, afirmou que houve 3.000 denúncias de abusos contra menores nos últimos dez anos. O que aconteceu com essas denúncias? Quantas foram julgadas? Quantos religiosos foram considerados culpados e quantos foram punidos? É preciso dar

explicações e não admitir mais que os casos sejam ocultados...

O papa está numa encruzilhada e terá que abrir os arquivos secretos da CDF se quiser ser coerente com a transparência que defende... O papa disse que deve haver punição e que as vítimas não foram ouvidas. Deve então ser coerente com essa linha e abrir os arquivos. Tendo feito uma carta tão rigorosa e transparente, ou volta atrás sobre a transparência ou deve ir até o fim... O furacão da pedofilia, depois dos Estados Unidos e da Europa, chegou na Ale-

Mas palavras são palavras. Faltam os gestos para demonstrar que rompeu com dar guarida a crimes clericais de natureza sexual

manha, pátria do papa, depois na diocese do papa, agora dentro do Vaticano, na Congregação da Doutrina da Fé, onde o cardeal Joseph Ratzinger foi prefeito, apontando para a sua responsabilidade direta”.

Há impeachment de papa? Renúncia? Ou só nos resta lavar as mãos, dando uma de Pilatos?

Durante 24 anos, o cardeal silenciou sobre a pedofilia clerical! Agora, que é infalível, não pode ser responsabilizado? É um alento que na declaração, divulgada após o encontro com os bispos irlandeses, conste que, “de sua parte, o santo padre observou que o abuso

sexual de crianças e jovens não apenas é um crime hediondo, mas também um pecado grave que ofende a Deus e fere a dignidade da pessoa humana criada à Sua imagem”. É um discurso significativo. Mas palavras são palavras. Faltam os gestos para demonstrar ao mundo que rompeu com um dos malditos signos da dupla moral sexual: dar guarida a crimes clericais de natureza sexual. É o mínimo esperado, já que a pedofilia clerical e a omissão do Vaticano diante dela sempre andaram de braços dados.

No prefácio do meu romance “A hora do Angelus” (Mazza Edições, 2005), digo que “é uma história que acontece com mais frequência do que se pensa. Ainda que o roteiro que estrutura a história seja uma imaginação da autora, o relato está entremeadado de reflexões pontuais sobre omissões do clero romano diante do assédio e do abuso sexual, assim como da pedofilia – milenarmente praticados por padres”.

DUKE

